

CHARLES DICKENS

O VISITANTE DO
SENHOR
TESTADOR



Free Books

CHARLES DICKENS

**O VISITANTE DO
SENHOR TESTADOR**

**Free Books
2024**

CRÉDITOS

Título: O Visitante do Senhor Testador.

Autor: Charles Dickens (1812 – 1870).

Tradução: Paulo Soriano.

Ilustração da capa e do miolo: Joseph Clayton.
Clark (1857 – 1837).

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de Publicação: 2024.

Local da Publicação: Salvador/BA.

O VISITANTE DO SENHOR TESTADOR

Era um homem que, conquanto não tivesse mais de trinta anos, contemplara a vida a partir de diversas ocupações inconciliáveis: dentre outras estranhas atividades, havia sido um oficial

de um regimento sul-americano. Mas, como não tivera êxito em quaisquer dos estilos de vida que abraçara, acabou endividado e, agora, vivia escondido. Instalou-se, assim, num dos mais sombrios apartamentos de Lyons Inn. Não era, no entanto, o seu nome que estava escrito na porta ou no batente superior: era o de um amigo, que ali morrera, e lhe legara a mobília. A história surgiu do mobiliário e tem o seguinte propósito: estabelecer que o antigo morador do apartamento — cujo nome ainda estava na porta ou no batente — era o Sr. Testador.

O Sr. Testador ocupava um apartamento em Lyons Inn, mas tinha escassos móveis em seu dormitório e nenhum em sua sala de estar. Passara alguns meses de inverno nessa condição, e os aposentos lhe pareciam muito frios e vazios. Certa noite, depois da meia-noite, quando escrevia sentado, e ainda tinha um trabalho por terminar antes de se recolher, deu-se conta de que estava sem carvão.

Havia um depósito de carvão no porão, mas ele nunca se aventurara naquele lugar. De toda sorte, a chave da cave estava sobre o parapeito da lareira e, se ele descesse e abrisse o vão correspondente, poderia razoavelmente presumir que o carvão daquele recinto lhe pertencia. Quanto à sua empregada, esta morava perto do rio, do outro lado do Strand, entre os vagões de hulha e os barqueiros do Tâmis — pois havia homens do Tâmis naquela época —, em alguma toca de rato escondida num beco ou numa ruela. Quanto à gente de Lyons Inn, esta estava — acordada ou dormindo — a sonhar: aqueles bêbados, mal-humorados, temperamentais, apostadores, que choramingavam os descontos em lojas e as renovações de seus contratos, cuidavam de seus próprios negócios, e não seriam obstáculo ao que o Sr. Testador haveria de fazer. Este tomou um balde de carvão numa mão, uma vela e a chave na outra, e desceu aos antros subterrâneos mais

desolados de Lyons Inn, onde os últimos veículos rolavam estrondosamente, e todos os encanamentos de água na vizinhança, que pareciam ter o “Amém” de Macbeth entalado na garganta, se esforçavam por expulsá-lo de si.

Depois de tatear aqui e ali, por entre as baixas portas que não se abriam, o Sr. Testador, finalmente, chegou a uma delas, na qual havia um cadeado enferrujado, e em cuja ranhura cabia a sua chave. Com muito esforço, conseguiu abrir a porta. Mas, ao olhar por ela, não viu carvão algum, senão móveis caoticamente empilhados. Alarmado com esta intrusão na propriedade alheia, trancou a porta novamente e, após encontrar a sua própria cave, encheu o balde de carvão e voltou ao apartamento.

Mas as imagens daqueles móveis rodopiaram na mente do Sr. Testador, incessantemente, até as frias cinco horas da manhã, quando foi se deitar. Ele precisava

especialmente de uma escrivadinha, e calhou que fora uma mesinha, feita exatamente para tal finalidade, a peça que ele primeiramente notou naquela pilha do porão.

Quando, pela manhã, a empregada saiu de sua toca para fazer ferver a chaleira, ele, astutamente, procurou conduzir a conversa ao assunto de porões e móveis; mas as duas ideias, evidentemente, não estabeleciam conexão alguma em sua mente. Quando a moça o deixou, o Sr. Testador, com o pensamento ainda fixo nos móveis, sentou-se para o café da manhã. Lembrou-se, pois, do estado ferruginoso do cadeado e inferiu que as mobílias deviam estar guardadas no porão há muito tempo. Considerou que talvez tivessem sido abandonadas ali, ou, ainda, que o dono delas tivesse morrido. Pensou sobre isto por alguns dias, ao cabo dos quais, sem êxito, buscou em Lyons Inn informações sobre o mobiliário. Desesperado, decidiu tomar emprestada,

naquela mesma noite, a escrivaninha. Não muito tempo depois de subir a escrivaninha, ele resolveu tomar emprestada uma poltrona; pouco depois, uma estante; então, um sofá; em seguida, um carpete e um tapete. Naquela ocasião, sentiu que já fora tão longe naquele assunto do mobiliário que pouca diferença faria se tomasse tudo emprestado. Foi o que fez e trancou o espaço do porão definitivamente. A cada visita que fazia, cuidava de trancá-lo. Havia carregado cada item do mobiliário separadamente, na calada da noite e, na melhor das hipóteses, sentira-se tão perverso como um profanador de sepulturas. Porque todos os móveis estavam mofados e empoeirados quando os levava, foi necessário, lustrá-los — à maneira de um criminoso culpado homicídio — enquanto Londres ainda dormia.

O Sr. Testador morou em seu apartamento mobiliado por dois ou três anos ou mais e foi, gradualmente, acomodando-se à opinião de que

os móveis eram realmente seus. E esse era seu conveniente estado de espírito quando, tarde da noite, ouviu uns passos subindo as escadas. Então, uma mão bateu-lhe a porta procurando a aldrava. Seguiu-se uma batida tão profunda e solene que fez o Sr. Testador saltar da poltrona como se impellido por uma mola.

Com uma vela na mão, abriu a porta e deparou-se com um homem muito pálido. Era bem alto, encurvado e espadaúdo. Tinha o tórax estreito e o nariz muito vermelho. Era um homem maltrapilho e gentil, embrulhado num casaco preto, comprido e puído, fechado na frente com muitos alfinetes e poucos botões. Sob o braço, o homem apertava um guarda-chuva sem alça, como se tocasse uma gaita de foles.

— Peço perdão — disse ele — mas o Sr. poderia me dizer...

E parou, com os olhos fixos em algum objeto na sala.

— Dizer-lhe o quê? — perguntou o Sr. Testador, alarmado, ao perceber a súbita pausa.

— Peço-lhe perdão — disse o estranho —, e esta não é a pergunta que eu estava por fazer, mas, por acaso, o pequeno objeto que vejo não me pertence?

O Sr. Testador começou a gaguejar que não estava ciente daquilo. Mas o visitante passou por ele, entrando no apartamento. Lá, moveu-se como se fosse uma espécie de duende, e isto gelou o Sr. Testador até a medula. Primeiro, examinou a escrivaninha e disse: “Minha”; então, passou à poltrona e disse: “Minha”; depois, à estante e disse: “Minha”; em seguida, dobrou uma ponta do tapete e disse: “Meu!”. Numa palavra, inspecionou todos os móveis advindos do porão, sucessivamente, dizendo: “Meu!”.

Ao cabo dessa investigação, o Sr. Testador percebeu que o visitante estava encharcado de bebida alcoólica e que a bebida era gim. Apesar disto, o estranho não parecia vacilante com o gim, quer na fala, quer na postura. Parecia, até, que a bebida lhe conferia uma rigidez no porte e nas palavras.

O Sr. Testador estava em um terrível estado de espírito, pois, conforme avaliava o episódio, as possíveis consequências das suas tão intrépidas e imprudentes atitudes pesavam, pela primeira vez, com toda a sua intensidade, sobre os seus ombros.

Após uns instantes, nos quais os dois homens se olharam reciprocamente, disse o Sr. Testador, com a voz trêmula:

— Senhor, estou ciente de que lhe devo a mais completa explicação, compensação e

restituição. E o senhor as terá. Permita-me suplicar que, sem ressentimentos, sem mesmo a natural irritação de sua parte, possamos...

— Beber alguma coisa! — interrompeu o estranho. — Concordo com isto.

O Sr. Testador pretendia dizer “possamos ter uma conversinha tranquila”, mas, com grande alívio, acatou a sugestão. Pôs sobre a mesa uma garrafa de gim, e estava preparando água quente com açúcar quando descobriu que seu visitante já havia bebido metade do conteúdo da garrafa. Misturado à água quente com açúcar, o visitante bebeu todo o gim restante, antes mesmo que o eco do carrilhão da igreja de Santa Maria, no Strand, anunciasse a primeira hora. E, enquanto bebia, o estranho frequentemente sussurrava a si mesmo:

— Meu!

O gim acabou e o Sr. Testador ficou a imaginar o que viria depois. Mas o visitante levantou-se e disse, ainda mais rígrado do que antes:

— A que horas da manhã, senhor, será conveniente vê-lo?

O Sr. Testador arriscou:

— Às dez?

— Senhor — disse o visitante — às dez, em ponto, estarei aqui.

Então, contemplou o Sr. Testador com uma certa tranquilidade e disse:

— Deus o abençoe! Como está a sua esposa?

O Sr. Testador (que nunca tivera uma esposa) respondeu, profundamente sensibilizado:

— Deveras nervosa, a pobrezinha; mas, no mais, passa bem.

O visitante, então, se virou e foi embora, caindo duas vezes enquanto descia as escadas.

Desde então, jamais foi visto. Se ele era um fantasma, ou uma ilusão espectral da consciência, ou um homem embriagado que nada tinha a ver com o lugar, ou mesmo o legítimo e ébrio dono do mobiliário, para ali guiado por uma centelha repentina de memória; se ele voltou para casa em segurança ou não teve tempo de retornar a ela; se morreu embriagado no caminho ou passou o resto da vida na embriaguez, nunca se saberá, porque nunca mais se soube dele. Esta é a história que, recebida com a mobília, num apartamento

situado no pavimento superior da sombria Lyons Inn, foi considerada tão substancial quanto os móveis por seu segundo possuidor.



Free Books Editora Virtual

<http://www.freebookseditora.com>